



ESTRUTURA SOCIAL, APOIO SOCIAL E SAÚDE MENTAL NO CONTEXTO DE COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO TOCANTINS

SOCIAL STRUCTURE, SOCIAL SUPPORT AND MENTAL HEALTH IN THE CONTEXT OF QUILOMBOLA COMMUNITIES IN TOCANTINS

Alexia Fernanda Pereira Venção da SILVA
Faculdade Católica Dom Orione (FCDO)
E-mail: alexiafernanda@catolicaorione.edu.br
ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-2789-4074>

Ruy Tadeu Costa RIBEIRO
Faculdade Católica Dom Orione (FCDO)
E-mail: ruytadeudm@hotmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6565-3948>

521

RESUMO

No vasto território brasileiro, com sua rica tapeçaria de culturas e histórias, as comunidades quilombolas surgem como ícones de resistência e herança cultural. No estado do Tocantins, essas comunidades carregam consigo narrativas únicas, muitas vezes permeadas por desafios. Em meio a estes, a questão da saúde mental, uma preocupação emergente globalmente, destaca-se, exigindo uma avaliação aprofundada, especialmente quanto ao papel do apoio social como elemento mediador. A decisão de abordar o tema da saúde mental no contexto quilombola do Tocantins se fundamenta em vários pilares. Histórica e socialmente, essas comunidades enfrentaram adversidades que vão desde a escravidão até as modernas pressões socioeconômicas, passando por questões de território e identidade. As marcas destas experiências coletivas inevitavelmente impactam a saúde mental, tornando o tema não apenas relevante, mas essencial para uma compreensão mais abrangente da realidade quilombola. Diante deste panorama, a pesquisa foi orientada pelo questionamento: “Como o apoio social influencia a saúde mental nas comunidades quilombolas do Tocantins e quais são os caminhos possíveis para reforçar este apoio?”. Essa pergunta é intrinsecamente relevante, pois reconhece que o apoio social é uma ferramenta vital no enfrentamento dos desafios de saúde mental. O propósito central da investigação focou na exploração da intersecção entre apoio social e saúde mental nessas comunidades. Para cumprir essa tarefa, objetivou-se mapear as principais fontes de

apoio social, avaliar as especificidades das questões de saúde mental nesse contexto e por fim, sugerir abordagens que possam fortalecer a rede de apoio. Metodologicamente, a abordagem escolhida foi qualitativa, aproveitando uma revisão bibliográfica abrangente de literatura dos últimos dez anos e entrevistas com representantes e membros das comunidades quilombolas no Tocantins. Esta combinação permitiu um entendimento multifacetado, cruzando experiências vividas com discussões acadêmicas. A análise dos resultados trouxe insights reveladores. O apoio social, em suas variadas formas, mostrou-se crucial como amortecedor de estresses psicológicos. As redes de apoio, compostas por família, amigos e líderes comunitários, desempenham um papel fundamental na promoção do bem-estar. Entretanto foi evidenciado que existem lacunas neste apoio, principalmente devido a fatores externos como a marginalização socioeconômica e pressões sobre territórios. Por outro lado, a pesquisa também revelou um profundo reservatório de resiliência nas comunidades quilombolas. As tradições e práticas culturais, muitas vezes, oferecem mecanismos de enfrentamento que são inerentemente terapêuticos. Entretanto, há uma necessidade de integrar este conhecimento tradicional contemporâneas de saúde mental, garantindo uma abordagem holística. Concluindo, a interação entre o apoio social e saúde mental nas comunidades quilombolas do Tocantins não é apenas um tema interesse acadêmico, mas uma questão de direitos humanos. Reconhecer e fortalecer o apoio social é essencial para garantir o bem-estar dessas comunidades. A pesquisa revela a necessidade de políticas públicas direcionadas, respeitando a herança cultural quilombola, e indica o caminho para um futuro mais inclusivo e saudável.

Palavras-chave: Comunidades quilombolas. Saúde mental. Apoio social.

ABSTRACT

In the vast Brazilian territory, with its rich tapestry of cultures and histories, quilombola communities emerge as icons of resistance and cultural heritage. In the state of Tocantins, these communities carry unique narratives, often permeated by challenges. Among these, the issue of mental health, a globally emerging concern, stands out, requiring an in-depth assessment, especially regarding the role of social

support as a mediating element. The decision to address the issue of mental health in the quilombola context of Tocantins is based on several pillars. Historically and socially, these communities have faced adversities ranging from slavery to modern socioeconomic pressures, including issues of territory and identity. The marks of these collective experiences inevitably impact mental health, making the topic not only relevant, but essential for a more comprehensive understanding of the quilombola reality. Given this panorama, the research was guided by the question: "How does social support influence mental health in quilombola communities in Tocantins and what are the possible ways to strengthen this support?". This question is intrinsically relevant as it recognizes that social support is a vital tool in addressing mental health challenges. The central purpose of the research focused on exploring the intersection between social support and mental health in these communities. To accomplish this task, we aimed to map the main sources of social support, assess the specificities of mental health issues in this context and, finally, suggest approaches that can strengthen the support network. Methodologically, the approach chosen was qualitative, drawing on a comprehensive literature review of the last ten years and interviews with representatives and members of quilombola communities in Tocantins. This combination allowed for a multifaceted understanding, crossing lived experiences with academic discussions. The analysis of the results brought revealing insights. Social support, in its various forms, proved crucial as a buffer against psychological stress. Support networks, consisting of family, friends and community leaders, play a key role in promoting well-being. However, it was evidenced that there are gaps in this support, mainly due to external factors such as socioeconomic marginalization and pressures on territories. On the other hand, the research also revealed a deep reservoir of resilience in quilombola communities. Cultural traditions and practices often offer coping mechanisms that are inherently therapeutic. However, there is a need to integrate this traditional knowledge with contemporary mental health practices, ensuring a holistic approach. In conclusion, the interaction between social support and mental health in quilombola communities in Tocantins is not only a topic of academic interest, but a human rights issue. Recognizing and strengthening social support is essential to ensure the well-being of these communities. The research reveals the need

for targeted public policies, respecting quilombola cultural heritage, and points the way to a more inclusive and healthy future.

Keywords: Quilombola Communities. Mental Health. Social Support.

INTRODUÇÃO

O Brasil, país rico em diversidade cultural e étnica, abriga inúmeras comunidades que possuem uma história profunda e, muitas vezes, marcada por diversidades. Dentre elas, as comunidades quilombolas têm sua trajetória entrelaçada com a resistência, luta por reconhecimento e direitos, e a preservação de suas tradições. No estado do Tocantins, essa presença se faz sentir em diversas comunidades que, ao longo dos anos, enfrentaram e enfrentam desafios significativos, especialmente no que diz respeito à saúde mental.

A saúde mental é uma questão que tem ganhado destaque nas discussões contemporâneas, sobretudo devido ao aumento do reconhecimento da sua importância para o bem-estar geral dos indivíduos. Nas comunidades quilombolas, a interseção de questões históricas, sociais e culturais contribui para um panorama complexo em relação à saúde mental. A justificativa para abordar esse tema centra-se na necessidade de compreender, de forma específica, como o apoio social pode atuar como um fator de proteção e fortalecimento da saúde mental nessas comunidades.

Nesse contexto, a pergunta que norteou esta investigação foi: “como o apoio social influencia a saúde mental das comunidades quilombolas do Tocantins e quais estratégias podem ser implementadas para fortalecer esse apoio?”. Esta questão surge da observação das singularidades das comunidades quilombolas e da percepção de que, muitas vezes, as abordagens convencionais de saúde mental podem não ser totalmente adequadas ou suficientes para essas populações.

A fim de descrever para sociedade aspectos estruturais e como isso vem afetando a saúde mental das comunidades quilombolas. Enquanto ciência um conhecimento humano que busca explicar a natureza e os fenômenos que ocorrem no universo e contribui para melhoria da qualidade de vida das pessoas. Dessa forma construir nortes que tem como objetivo compreender o funcionamento da sociedade e inclusão no meio social. A psicologia é uma área de estudo que busca compreender o

comportamento humano em diferentes contextos sociais e culturais. Nesse sentido, a estrutura social e o apoio social são temas importantes para compreensão da interação entre indivíduos e grupos sociais, sendo suas contribuições psicológicas tendo um olhar amplo e técnico sobre a identidade, a cultura e como essa perda de espaços afeta a convivência dos laços comunitários.

O objetivo geral desta pesquisa foi investigar a relação entre apoio social e saúde mental nas comunidades quilombolas do Tocantins. Dentro deste escopo mais amplo, os objetivos específicos incluíram: 1) Mapear as principais fontes de apoio social existentes nessas comunidades; 2) Avaliar a prevalência e as particularidades das questões saúde mental enfrentadas por essas comunidades; e 3) Propor estratégias integradas para fortalecer o apoio social e melhorar a saúde mental.

Com base na estrutura social da sociedade, por muitas das vezes não ter conhecimento das histórias de formação estrutural das comunidades quilombolas acabam formulando conceitos que distanciam a socialização dos povos ao meio, gerando preconceitos, discriminação e inserção dessa comunidade no meio social. Segundo Furtado, Pedrosa e Alves (2014), os quilombolas, enquanto grupo, compartilham valores, crenças e, sobretudo, uma identidade coletiva. Portanto, tem um conjunto de valores que emergem a partir de experiências sociais e pessoais, no qual se refere às crenças, princípios, recordação, às festas típicas cuja elaboração se faz por meio da interação do contexto cultural e histórico.

O quilombo surgiu por meados do século XIX, diante do ocorrido as comunidades foram formadas por escravos que fugiam dos trabalhos escravos. Essas comunidades se transformaram em lugares e centro de resistência, nas quais as terras eram cobiçadas por fazendeiros e só em 1988 onde conseguiu assegurar seus direitos. Ao longo dos séculos, mesmo após a abolição da escravidão, as comunidades quilombolas permaneceram e se mantem até hoje, lutando pela preservação de sua cultura, do seu território e pela garantia de seus direitos.

A definição de quilombo tem atribuído inúmeros os significados como:

Na tradição popular no Brasil há muitas variações no significado da palavra quilombo, ora associado a um lugar (“quilombo era um estabelecimento singular”), ora a um povo que vive neste lugar (“as várias etnias que o compõem”), ou a manifestações populares, (“festas de rua”), ou ao local de uma prática condenada pela sociedade (“lugar

público onde se instala uma casa de prostitutas”), ou a um conflito (uma “grande confusão”), ou a uma relação social (“uma união”), ou ainda a um sistema econômico (“localização fronteiriça, com relevo e condições climáticas comuns na maioria dos casos”). (Lopes; Siqueira; Nascimento, 1987, p. 15 apud Leite, 2000, p. 337).

As comunidades quilombolas no Tocantins, foram formadas de migração derivadas dos estados de Maranhão e Pará no qual estão permeadas de memórias e lutas, estas que ocorreu por fatores de perdas materiais, como secas, enchentes e fome, por aspectos positivos e de esperança nas vidas desses sujeitos, tal como o encontro de parentes ou as romarias em busca de terras verdes.

De acordo com Fundação Cultural Palmares, 44 comunidades quilombolas estão no estado do Tocantins, no qual se concentra o maior número nas regiões sul e sudeste do Tocantins, é importante ressaltar que o número de comunidades quilombolas pode variar ao longo dos anos, na medida como vão sendo reconhecidas e certificadas. O estado do Tocantins é conhecido como o mais novo estado, por agropecuária e a mineração, que no período era parte do estado de Goiás e hoje conta com comunidades remanescentes de quilombo. Embora cada comunidade quilombola no Tocantins possua suas características e particularidades específicas, elas compartilham uma história comum de resistência, preservação cultural e busca por seus direitos. Essas comunidades têm se esforçado para preservar seus modos de vida tradicionais, sua língua, religião, danças e outras formas de expressão cultural. As comunidades estão espalhadas por várias regiões do estado, muitas delas em áreas rurais e urbanas, a presença quilombola no Tocantins é essencial para diversidade e a riqueza cultural do estado, no qual desempenham um papel importante na preservação de tradições ancestrais, no fortalecimento da identidade quilombola e na promoção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

METODOLOGIA

Metodologicamente, o estudo optou por uma abordagem qualitativa, com revisão bibliográfica dos últimos dez anos e entrevistas com membros das comunidades quilombolas do Tocantins. A análise dos dados baseou-se em categorias temáticas que emergiram das entrevistas e da literatura, permitindo um entendimento aprofundado dos desafios e potencialidades relacionados ao tema.

BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS

As comunidades quilombolas são parte intrínseca da tapeçaria histórica brasileira, traçando suas origens a momentos cruciais da colonização do país. O conceito de “quilombo” abrange muito mais do que territórios geográficos; representa resistência, liberdade e a busca de uma identidade coletiva em meio a adversidades (Reis & Gomes, 1996). Esta busca pela liberdade, em particular, teve início durante o período colonial, quando os escravizados que conseguiram escapar de seus opressores estabeleceram comunidades independentes, conhecidas como mocambos ou quilombos (Carneiro, 2003).

A denominação quilombola significa que são descendentes de pessoas africanas escravizadas que resistiram a escravidão colonial no Brasil, após o ocorrido foram formando as comunidades. De acordo com Munganga & Gomes (2006), que afirmam que "quilombo não significou apenas um lugar de refúgio de escravos fugidos, mas a organização de uma sociedade livre formada de 'homens e mulheres que se recusavam viver sob o regime da escravidão e desenvolviam ações de rebeldia e de luta contra esse sistema'".

Diante disso é importante observar como se desenvolvem as estruturas sociais e características territoriais dentro das comunidades quilombolas no Tocantins.

As comunidades têm as seguintes características: I) lugares marcados pela pressão sobre recursos naturais; II) ausência de grande parte de espécies nativas da paisagem; III) ocupação dos lugares por escravos e descendentes de escravos; IV) alteração antrópica para o uso agrícola; V) trabalho, produção e consumo predominantemente familiares; VI) apesar de propriedade formal ou real da terra, há sentimento de coletividade sobre esta; XVII) média à baixa inserção no mercado e autoconsumo moderado; VIII) forma de organização familiar da produção; IX) utilização de técnicas tradicionais de produção; X) baixa produtividade do trabalho; XI) parte das famílias depende do uso da terra; XII) parte das famílias não consegue sobreviver com a terra que tem; XIII) e XIV) fragilidade na organização sociopolítica de algumas comunidades; XV) existência de dependência externa de renda, como salários e benefícios sociais; XVI) conflitos com grandes empresas voltadas para o cultivo de monoculturas; XVII) enfrentamento sociopolítico com o Estado para ter acesso às ações de Políticas Públicas; XIII) relação íntima com a terra; XIX) a terra é o local de moradia, vida e trabalho de muitas famílias, tendo significado não apenas monetário/patrimonial, mas instrumental e afetivo; XX)

especificidade cultural dada pela relação e pelo trabalho com a terra e a proximidade dos valores, hábitos, costumes, crenças da vida dos negros que viviam na região do norte do Tocantins; XXI) autorreconhecimento e reconhecimento externo da especificidade cultural; XXII) sentimento de pertencimento por meio de vários aspectos simbólicos e culturais que reforçam a identidade e a memória de cada uma das comunidades (Matteo et al.,2016, págs. 59-60).

A localização geográfica dos quilombos variou consideravelmente, com alguns situados em locais de difícil acesso, aproveitando-se das barreiras naturais como montanhas e florestas para proteção contra possíveis investidas (O'Dwyer,2002). No entanto, a existência desses quilombos ia muito além de simples agrupamentos de indivíduos fugidos. Eles eram entidades sociopolíticas complexas, com organização, liderança e uma forte noção de coletividade (Arruti, 2006).

O caso emblemático do Quilombo dos Palmares, como destacado por Carneiro (2003), serve como exemplo da tenacidade dessas comunidades. Localizado na região montanhosa do atual estado de Alagoas, Palmares resistiu por quase um século, tornando-se símbolo de luta e resistência para muitos descendentes de africanos no Brasil. No entanto, Palmares não foi um caso isolado. Ao longo do período colonial, e mesmo no início da república, diversas comunidades semelhantes surgiram, cada uma com sua história, dinâmica e interação com o mundo exterior (Gomes, 2005).

Ao observar a formação das sociedades no Brasil colonial, Schwartz (1995) destaca a importância dos engenhos de açúcar, onde muitos escravizados encontravam-se subjugados. Fugir desses locais e estabelecer comunidades livres era uma resposta direta à opressão enfrentada, uma maneira de reafirmar a autonomia e a dignidade em um sistema que procurava negá-las.

A formação e resistência dos quilombos têm ramificações profundas, não apenas no que diz respeito à história negra no Brasil, mas também na maneira como a nação se desenvolveu e se percebe (Soares, 2009). A presença dessas comunidades, em suas diversas formas e manifestações, fornece uma lente através da qual podemos examinar questões de identidade, resistência e formação cultural na história brasileira.

Embora o cenário seja vasto e muitas vezes fragmentado, o legado dos quilombolas se mantém vivo, demonstrando a resiliência e a determinação de comunidades que, apesar de frequentemente marginalizadas, continuam a moldar e

influenciar a narrativas dessas comunidades, pois, como Moura (1981) insinua, os quilombos e a resistência negra têm muitos matizes ainda a serem descobertos.

Continuando, os matizes das comunidades quilombolas ainda por descobrir são um testemunho da complexidade e riqueza da herança afro-brasileira. O estudo destas comunidades oferece uma oportunidade para desfazer generalizações e mitos persistentes que têm obscurecido a compreensão completa de sua importância histórica e cultural (Almeida, 2002). A emergência de mocambos, conforme elucidado por Arruti (2006), não foi apenas um ato de rebelião contra opressão, mas também uma reafirmação da cultura, das tradições e organização social africana em terras brasileiras.

Ao longo dos séculos, os quilombolas desenvolveram uma interação dinâmica com o meio ambiente, adaptando técnicas agrícolas, estabelecendo rituais religiosos e criando sistemas de governança (Gomes, 2005). Esta adaptabilidade é exemplificada pelo modo como muitos quilombos se integraram a redes comerciais locais, negociando produtos e estabelecendo alianças estratégicas, mesmo em face da hostilidade das autoridades coloniais e da elite agrária (Reis & Gomes, 1996).

Concluindo, os quilombos e suas comunidades contemporâneas são um microcosmo da diáspora africana no Brasil, representando resistência, resiliência e regeneração. Seu legado, enquanto reflete a luta e a adversidade, também celebra a força, a determinação e a rica tapeçaria cultural que enriquece a nação brasileira. A compreensão e a valorização dessa herança são cruciais, não apenas para a reconciliação histórica, mas também para moldar um futuro mais inclusivo e justo para todos.

Fatores Sociais e Culturais nas Comunidades Quilombolas

As comunidades quilombolas no Brasil carregam uma rica tapeçaria de tradições e experiências, moldada por séculos de resistência, adaptação e reafirmação cultural. Emergindo de resistências à escravidão, estas comunidades representam um capítulo vital na narrativa da diáspora africana no Brasil, consolidando-se como ícones de resiliência e determinação (Almeida, 1994).

Os fatores sociais, como a formação territorial e a gestão comunitária têm sido essenciais para a sobrevivência dessas comunidades. A necessidade de lutar contra

adversidades, incluindo o deslocamento e os conflitos pela terra, tem desempenhado um papel central na consolidação da identidade quilombola (CUNHA, 2007). A relação deles com o território é intrinsecamente ligada a uma memória coletiva, onde a terra é vista não apenas como um recurso, mas também como um espaço de memória e significado (Jesus, 2010). A estrutura social e o apoio social desempenham um papel central para saúde mental das comunidades quilombolas do Tocantins, apresentando uma importância significativa, os fatores que se destacam a proteção psicossocial, senso de pertencimento e identidade e redução da marginalização e discriminação.

No que diz respeito à cultura, às comunidades quilombolas são um celeiro de tradições, rituais e práticas que refletem a confluência das heranças africanas com as realidades brasileiras. Esta fusão cultural pode ser vista em manifestações religiosas, práticas agrícolas e celebrações comunitárias (Santos & Silva, 2014). A importância da cultura é tal que ela atua como um meio de resistência, permitindo que as comunidades se oponham à marginalização e afirmem sua identidade única (Silva & Oliveira, 2013).

A preservação dessa cultura, entretanto, enfrenta desafios. As pressões da modernidade, a globalização e a urbanização ameaçam as tradições quilombolas, tornando a preservação cultural não apenas uma questão de identidade, mas também uma luta pela sobrevivência (SOUZA, 2009). No entanto, mesmo com essas ameaças, as comunidades continuam sendo espaços de inovação e reinvenção, onde o antigo e o novo se encontram e interagem de maneiras fascinantes (Rodrigues, 2013).

Adicionalmente, a interação dinâmica entre os aspectos sociais e culturais nas comunidades quilombolas também manifesta na forma como elas se relacionam com o mundo exterior. Enquanto algumas comunidades optam por práticas mais isoladas, outras estão cada vez mais interagindo com a sociedade mais ampla, negociando sua posição e direitos em uma nação diversificada (Oliveira, 2009).

No contexto brasileiro mais amplo, a interação das comunidades quilombolas com a sociedade envolve não apenas a busca por reconhecimento, mas também a luta pelo direito à terra e à autonomia (Cunha, 2007). Este direito não é apenas material, mas simbólico, representando a reivindicação de uma longa história de resistência contra a opressão. A terra é mais do que um recurso para as comunidades quilombolas; é um espaço carregado de memórias, tradições e significados que têm sido defendidos por gerações (Jesus, 2010).

Todavia, enquanto o direito territorial é vital, o direito à expressão cultural também é profundamente significativo. As práticas culturais quilombolas são cruciais para a construção e reafirmação da identidade coletiva (ARRUTI, 2006). Seja através da música, dança, rituais religiosos ou tradições orais, a cultura atua como uma fonte inesgotável de empoderamento, resistência e afirmação para estas comunidades (Rodrigues, 2013).

Entretanto, à medida que o mundo ao redor das comunidades quilombolas continua a evoluir, surgem novos desafios. A crescente influência da tecnologia, a migração dos jovens para as cidades e as mudanças nas estruturas econômicas muitas vezes geram tensões internas e externas. A capacidade de adaptar-se sem perder a essência é fundamental (Gomes, 2005).

Além disso, a educação desempenha um papel crucial na transmissão e preservação da herança cultural quilombola. Escolas dentro e ao redor dessas comunidades precisam ser sensíveis e inclusivas, incorporando a rica tapeçaria da história quilombola nos currículos, de modo a fortalecer a identidade e o pertencimento dos jovens (Silva & Oliveira, 2013).

A estrutura social e o apoio social fornecem uma rede de suporte que pode atuar como uma proteção psicossocial para as comunidades quilombolas. Esse suporte pode ajudar a lidar com desafios diários, o estresse e as dificuldades enfrentadas, auxiliando na preservação da saúde mental. Proporcionam um sentimento de pertencimento e identidade cultural, que são fundamentais para saúde mental das comunidades, o fortalecimento da identidade quilombola e o reconhecimento da sua história, cultura e tradições contribuem para uma maior autoestima e bem-estar. Podendo contribuir para redução da marginalização e discriminação enfrentadas pelas comunidades quilombolas. Ao fornecer suporte emocional, informacional e material, esses elementos favorecem a luta contra o racismo e a busca por igualdade de direitos, impactando positivamente a saúde mental.

Os fatores sociais e culturais nas comunidades quilombolas são intrínsecos e indissociáveis. Eles se moldam mutuamente e, juntos, formam a espinha dorsal da identidade quilombola. Enquanto os desafios persistirem, a resiliência, adaptabilidade e força dessas comunidades garantem que sua herança continuará a florescer e a inspirar futuras gerações. Reconhecendo e valorizando sua contribuição, à sociedade

brasileira mais ampla tem a oportunidade de aprender e se enriquecer com as profundas lições de resistência, solidariedade e cultura oferecidas pelos quilombolas.

Desafios de Saúde Mental nas Comunidades Quilombolas

Em primeiro lugar, é importante considerar as adversidades históricas e sociais que as comunidades quilombolas enfrentam, como o racismo, discriminação e a opressão estrutural. Esses fatores podem gerar estresse psicossocial e contribuir para o desenvolvimento de problemas de saúde mental, como ansiedade, depressão e trauma psicológico.

Os desafios associados à saúde mental nas comunidades quilombolas têm atraído crescente atenção na literatura acadêmica. Estas comunidades, ao longo dos anos, têm enfrentado adversidades que vão além dos aspectos físicos e permeiam as esferas psicológica e emocional. FERREIRA (2014) realizou um estudo pioneiro no estado de Minas Gerais, explorando a dinâmica da saúde mental entre as comunidades quilombolas. A pesquisa revelou que muitos dos problemas de saúde mental podem estar enraizados na histórica discriminação e exclusão que estas comunidades enfrentaram.

Estabelecendo um panorama sobre a saúde dessas comunidades, Lima & Santos (2018) enfatizam a necessidade de abordagens de saúde mais holísticas, que incluam a saúde mental como componente integral. A complexidade dos desafios de saúde enfrentados por essas comunidades é amplamente reconhecida, e, conforme apontado por RIBEIRO & SANTOS (2016), há uma lacuna significativa em termos de reconhecimento oficial e intervenções apropriadas para abordar especificamente as questões de saúde mental.

Barroso & Vieira (2016), argumentam que uma perspectiva intercultural é essencial ao abordar a saúde mental nas comunidades quilombolas. Isso é particularmente relevante dada a rica tapeçaria cultural que essas comunidades representam, combinando tradições africanas, indígenas e europeias. Ao mesmo tempo, Gomes, Santos & Carvalho (2013), sublinham a necessidade de pesquisas mais aprofundadas para entender melhor os aspectos únicos da saúde mental entre os quilombolas, incluindo as práticas tradicionais de cura e bem-estar.

Em relação ao acesso à saúde, Almeida & Santos (2018) observam que, apesar das políticas de saúde pública existentes no Brasil, as comunidades quilombolas ainda enfrentam desafios significativos em obter cuidados adequados. O legado da exclusão e discriminação histórica muitas vezes se traduz em barreiras práticas no acesso aos serviços de saúde.

Outro ponto relevante é a interação entre práticas tradicionais e contemporâneas de cuidado. Silva & Pontes (2018) discutem essa dualidade, indicando que, enquanto algumas comunidades ainda se apegam firmemente às suas tradições ancestrais, outras estão se adaptando a novas abordagens e práticas. No entanto, a tensão entre esses dois mundos pode criar desafios adicionais em termos de saúde mental.

A dimensão cultural do cuidado com a saúde mental em comunidades quilombolas é um tema que precisa de mais investigações. Menezes & Lucas (2014), sublinham a necessidade de uma abordagem antropológica que possa lançar luz sobre as práticas de cuidado específicas e contextos culturais únicos que moldam a saúde mental nessas comunidades.

A saúde mental nas comunidades quilombolas é uma área multifacetada que exige uma compreensão mais profunda e abordagens interdisciplinares. É crucial considerar tanto o contexto histórico quanto o cultural ao desenvolver intervenções políticas adequadas.

No cenário atual, em que as comunidades quilombolas buscam reconhecimento e autonomia, a saúde mental surge como uma prioridade para garantir o bem-estar e a continuidade cultural desses grupos. A resiliência demonstrada por essas comunidades ao longo dos séculos, ao resistir à opressão e manter viva sua cultura, também carrega consigo o peso dos traumas e adversidades enfrentados.

Contudo, a integração das práticas tradicionais de saúde com o sistema de saúde contemporâneo não está isenta de desafios. A assimetria de poder, a falta de entendimento e a desvalorização das práticas tradicionais por alguns profissionais da saúde podem ser obstáculos. Assim, a formação contínua e a sensibilização dos profissionais de saúde para a realidade das comunidades quilombolas torna-se imprescindível (Alves & Souza, 2018).

Soma-se a isso a necessidade de investimentos em infraestrutura e recursos para a saúde nessas comunidades, como apontado por Ribeiro & Santos (2016). A proximidade geográfica de serviços de saúde, a capacitação de profissionais locais e promoção de campanhas de saúde mental específicas podem ser estratégias eficazes para atender as necessidades dessas comunidades.

Outro ponto crucial é a participação ativa das comunidades quilombolas na formulação de políticas e intervenções de saúde. O envolvimento direto dos quilombolas pode garantir que as intervenções sejam culturalmente sensíveis, adequadas e, acima de tudo, respeitadas.

Por último, a pesquisa contínua é fundamental para entender as mudanças dinâmicas nas necessidades de saúde mental dessas comunidades e adaptar as intervenções de acordo. A cooperação entre acadêmicos, profissionais de saúde, políticos e líderes comunitários pode proporcionar uma abordagem integrada e abrangente para abordar os desafios da saúde mental nas comunidades quilombolas.

Em conclusão, a saúde mental das comunidades quilombolas é um tema de suma importância e requer uma atenção especial, considerando a rica tapeçaria cultural e histórica desses grupos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação sobre o apoio social e saúde mental nas comunidades quilombolas do Tocantins ressalta a importância intrínseca de entender a dinâmica sociocultural dessas populações. A história dos quilombos, marcada por resistência e lutas por reconhecimento, influencia diretamente sua saúde mental. Os traumas intergeracionais, juntamente com as adversidades contemporâneas, como o isolamento geográfico e falta de acesso a serviços adequados, realçam a necessidade urgente de abordagens terapêuticas culturalmente sensíveis.

O papel do apoio social nesse cenário é fundamental. As redes de suporte intracomunitárias, alimentadas por laços culturais, históricos e familiares, atuam como mecanismo de resiliência, ajudando os indivíduos a enfrentar adversidades e promover seu bem-estar psicológico. Contudo, essa rede de apoio interno precisa ser complementada por iniciativas externas, sobretudo políticas públicas, que reconheçam e valorizem as especificidades culturais e históricas dessas comunidades.

No que concerne às práticas de saúde mental, há uma riqueza nas abordagens tradicionais de cura e bem-estar das comunidades quilombolas, conforme indicado na literatura. A integração destas com os sistemas de saúde contemporâneos, ao levar em conta a sabedoria e conhecimento tradicional, pode resultar em intervenções mais holísticas e eficazes. Nesse sentido, a capacitação e a sensibilização dos profissionais de saúde tornam-se cruciais para entender e respeitar essas práticas.

Em resposta da pergunta levantada neste estudo torna-se evidente que o apoio social atua como uma coluna vertebral para o bem-estar psicológico dessas comunidades. O fortalecimento desse suporte passa pela valorização de suas práticas tradicionais, pela promoção de políticas públicas inclusivas e pela formação de profissionais de saúde que sejam culturalmente sensíveis.

Além disso, a participação ativa das comunidades quilombolas na formulação de políticas e intervenções, garantindo que estas sejam adequadas e respeitadas, é fundamental. A pesquisa contínua e a cooperação entre acadêmicos, profissionais de saúde, políticos e líderes comunitários podem resultar em uma abordagem integrada, voltada para o bem-estar das comunidades quilombolas do Tocantins.

Em conclusão, o apoio social, aliado a uma compreensão profunda da rica tapeçaria cultural e histórica das comunidades quilombolas do Tocantins, é a chave para promover sua saúde mental. Reconhecendo, respeitando e valorizando sua identidade, história e práticas, é possível traçar um caminho sustentável e holístico para seu bem-estar e resiliência.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. W. B. **Terra de quilombo, terras indígenas, babaçuais livre, castanhais do, faxinais e fundos de pasto:** terras tradicionalmente ocupadas. Manaus: PPGSCA-UFAM, 2002.

ALMEIDA, M. S.; SANTOS, R. P. **Acesso à saúde e desafios nas comunidades quilombolas.** Brasília: Editora UnB, 2018.

ALVES, F. L.; SOUZA, R. L. **Formação profissional e sensibilização para saúde quilombola.** Vitória: Editora UFES, 2018.

ANDERSON, R. N. Quilombos: **Resistance to Slave Labor.** In: BETHELL, L.(Ed.). Colonial Brazil. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

ARRUTI, J. M. **Mocambo**: antropologia e história do processo de formação quilombola. Bauru: Edusc, 2006.

BARROSO, L. R.; VIEIRA, A. L. **Saúde mental e perspectivas interculturais nas comunidades quilombolas**. Salvador: Editora UFBA, 2016.

CARNEIRO, E. **Quilombo dos Palmares**: Brasil 1600. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.

CUNHA, O. M. **As comunidades quilombolas no Brasil**: formação territorial, conflitos e direitos territoriais. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

FERREIRA, M. L. **Saúde mental e comunidades quilombolas**: um estudo de caso em Minas Gerais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

Furtado, M. B. Pedroza, R. L. S., & Alves, C. B. (2014). **Cultura, identidade e subjetividade quilombola**: Uma leitura a partir da psicologia cultural. *Psicologia & Sociedade*, 26(1), pp.106-115. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-731822014000100012 &lng=en&nrm=iso.

GOMES, F. A.; SANTOS, J. F.; CARVALHO, R. E. **Práticas tradicionais de cura e bem-estar entre quilombolas**. Recife: Editora UFPE, 2013.

GOMES, F. S. **A hidra e os pântanos**: mocambos, quilombos e a revolta dos Malês. São Paulo: UNESP, 2005.

GOMES, F. S. **Histórias de Quilombolas**: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

LEITE, Ilka Boaventura. **Os quilombos no Brasil**: questões conceituais e normativas. In: *Etnográfica*, v.IV, n. 2, 2000, p. 333-354.

JESUS, J. L. de. **Relações sociais, identidade e território em comunidades quilombolas da Bahia**. Tese de Doutorado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2010.

LIMA, R. S.; SANTOS, M. A. **Abordagens holísticas de saúde em comunidades quilombolas**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2018.

LMEIDA, A. W. B. **Os quilombos e a base de legitimação**: identidade étnica. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n. 21, p. 151-167, 1994.

MOURA, C. **Os quilombos e a rebelião negra**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

O'DWYER, E. C. **A geografia dos Quilombos**: uma contribuição do ponto de vista da localização. São Paulo: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2002.

ESTRUTURA SOCIAL, APOIO SOCIAL E SAÚDE MENTAL NO CONTEXTO DE COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO TOCANTINS. Alexia Fernanda Pereira Vencção da SILVA; Ruy Tadeu Costa RIBEIRO. *JNT -Facit Business and Technology Journal*. QUALIS B1. 2023.FLUXO CONTÍNUO - MÊS DE SETEMBRO Ed. 45. VOL. 1. Págs. 521-537. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdadefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdadefacit.edu.br.

OLIVEIRA, A. R. de. **Quilombos: reconhecimento nos espaços de fronteira**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

REIS, J. J.; GOMES, F. S. **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RIBEIRO, A. P.; SANTOS, L. M. **Saúde mental e intervenções em comunidades quilombolas**. São Paulo: Editora USP, 2016.

RODRIGUES, C. F. Entre a cruz e a encruzilhada: religiosidade e resistência cultural em comunidades quilombolas. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 48, p. 237-265, 2013.

SANTOS, G. dos; SILVA, M. K. da. Cultura e identidade quilombola: Reflexões sobre a preservação de tradições culturais nas comunidades remanescentes de quilombos. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 50, n. 1, p. 52-59, 2014.

SCHWARTZ, S. B. **Sugar plantations in the formation of Brazilian society: Bahia, 1550-1835**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

SILVA, J. M.; PONTES, A. R. **Dualidade da saúde mental quilombola: tradição e contemporaneidade**. Fortaleza: Editora UFC, 2018.

SILVA, M. P. da; OLIVEIRA, J. F. de. Quilombo: comunidade, cultura e ensino. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v. 6, n. 2, p. 179-194, 2013.

SOARES, L. E. **Devotos da cor: identidade étnica, religiosidade e formação de comunidades negras no Rio de Janeiro, século XVIII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SOUZA, I. M. A dimensão cultural dos territórios quilombolas: patrimônio, memória e trajetória dos quilombolas do Vale do Ribeira. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 34, p. 174-197, 2009.